

ROBINSON CAVALCANTI

A IGREJA, O PAÍS E O MUNDO

DESAFIOS A UMA FÉ ENGAJADA



Editora Ultimato
Viçosa, MG

Copyright © 2000 by Robinson Cavalcanti

Projeto Gráfico:
Editora Ultimato

1ª Edição:
Julho de 2000

Revisão:
Antônio Carlos W. C. Azeredo
Bernadete Ribeiro
Délnia M. C. Bastos

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

C376i Cavalcanti, Robinson, 1944 -
2000 A Igreja, o país e o mundo; desafios a uma fé engajada/
Robinson Cavalcanti. — Viçosa : Ultimato, 2000.
160p.
ISBN 85-86539-14-7

1. Cristianismo e política. 2. Cristianismo e cultura. 3. Ética cristã.
4. Fé. 5. Vida cristã. I. Título.

CDD. 19.ed. 261.7

CDD. 20.ed. 261.7

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO
E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557
E-mail: ultimato@ultimato.com.br
www.ultimato.com.br

■ 2ª Reimpressão

“ O medo de ser julgado mata a espontaneidade; impede os homens de se manifestar e de se exprimir livremente, tal como são. É preciso muita coragem para pintar um quadro, para escrever um livro, para construir um edifício com linha arquitetônica nova ou para formular uma opinião independente, uma idéia original. ”

Paul Tournier

Ao
Rev. John Stott,
Estatista do Reino,
pelos 30 anos de inspiradora amizade.

O autor

ROBINSON CAVALCANTI é casado, tem dois filhos e se identifica como "um nordestino *alabucano* (nascido em Pernambuco e criado em Alagoas), oriundo da classe média (com primos pobres e primos ricos), filho de pai médium espírita e mãe católica tradicional (que, posteriormente, se converteram ao Evangelho)".

Por causa de seu espírito interdenominacional, trabalhou por mais de dez anos com a Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB) e participou da Fraternidade Teológica Latino-americana (FTL), da Comissão de Lausanne para a Evangelização Mundial (LCWE), da Aliança Evangélica Mundial (WEF) e da Fraternidade Evangélica da Comunhão Anglicana (EFAC).

Licenciado em ciências sociais, bacharel em direito e mestre em ciência política, Robinson Cavalcanti é professor adjunto da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Reside em Olinda e é bispo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.

Outros livros do autor:

- > Cristo na universidade brasileira
- > Uma bênção chamada sexo
- > O cristão, esse chato!
- > As origens do coronelismo
- > Cristianismo e política
- > Igreja — agência de transformação histórica
- > Igreja — comunidade da liberdade
- > Libertação e sexualidade
- > A utopia possível — em busca de um cristianismo integral

Sumário

Prefácio	13
A IGREJA	
1. Os cristãos e o estado da igreja	17
2. O exótico protestantismo de Contra-reforma	21
3. Cristianismo: exclusivismo <i>versus</i> inclusivismo	25
4. O culto evangélico no Brasil	29
5. Evangelicalismo, cultura e julgamento	39
6. Os caluniadores de Satanás	45
7. As potestades do mal e os poderes da terra	51
O PAÍS	
8. Os cristãos e o estado do país	57
9. Aprendendo com a história: 1964, nunca mais	61
10. A situação sócio-econômica e política da A. Latina	67
11. O papel profético da Igreja nas relações Igreja-Estado	83
12. Os evangélicos e o projeto histórico	95
13. A hora e a vez do Brasil	99

O MUNDO

14. Os cristãos e o estado do mundo	105
15. A globalização e os desafios do neoliberalismo	109
16. Civilização em transição	119
17. Construindo a era pós-secular	129
18. A espiritualidade na pós-modernidade	133

APÊNDICE

Respostas honestas a perguntas honestas	137
Posfácio	157
Notas	159

Prefácio

Ébíblico e sabido que não só da fuga do inferno e da esperança do céu, ou da Nova Jerusalém, vivem os cristãos, se estes pretendem realmente viver e não apenas existir. Chamados e transformados pelo Deus da graça, eles são enviados para a **Igreja, o país e o mundo** pelo Deus da Providência e Senhor da história, para encarnarem, por palavras e ações, o Evangelho, com as decorrentes alegrias e dores, com os previsíveis martírios e glórias.

Neste trabalho, procuramos refletir sobre nossas crenças, nossa identidade, nossos problemas e nossos desafios para a vivência (engajamento) de uma fé madura, sadia e relevante. Nele, há uma busca de uma mais adequada compreensão da Igreja, do país e do mundo, com o propósito de uma melhor e obediente inserção transformadora.

Reflexões sobre estes e outros desafios foram, também, o propósito dos nossos nove livros anteriores, de um sem-número de artigos e palestras, expressando posições, tomando partido, levantando bandeiras, propondo soluções. Este décimo livro, publicado nestes tempos de incertezas globais, não foge à biografia do autor, sua maneira de ser e de pensar, afetada, mas não alterada, pelo exercício do episcopado.

Um livro não engloba tudo o que pensa o autor, mas este é uma boa síntese de nossas reflexões, cujo espaço de veiculação tem sido, nos últimos quatorze anos, principalmente a revista ***Ultimato***.

Esperamos, com humildade, contribuir para essa tumultuada travessia de século e de milênio, na companhia do povo da nova e eterna aliança.

*Paripueira (AL), 26 de maio de 2000
Festa de Agostinho, primeiro arcebispo de Cantuária
Robinson Cavalcanti
Bispo da Diocese Anglicana do Recife*

A IGREJA

1.

Os cristãos e o estado da Igreja

A Igreja, de origem divina e composição humana, é um mistério, um povo e um pacto: una, santa, católica e apostólica. Ela não é o reino de Deus, mas expressão, vanguarda, antecipação e sinal desse mesmo reino. Criada segundo o coração de Deus, dentro da economia da salvação, ela é formada de gente, com suas personalidades, temperamentos e histórias de vida, situada no tempo e no espaço, na cultura e na conjuntura.

Nem todos os que nela visivelmente estão, de fato são, nem todos os que são dela, visivelmente estão. Nela encontramos diversos níveis de maturidade, de dons e de vocações.

Essencialmente missionária — enviada com um conteúdo e um propósito —, ela expressa essa missão em: a) uma dimensão *koinônica*: a comunhão dos santos, que se apóiam, se respeitam e se identificam; b) uma dimensão *didática*: a aprendizagem cognitiva existencial do conteúdo da revelação; c) uma dimensão *diaconal*: o amor concreto, a solidariedade, o serviço, as obras

de misericórdia; d) uma dimensão *kerigmática*: o anúncio, a proclamação do evangelho do reino; e) uma dimensão *profética*: a defesa da vida e a denúncia dos sistemas de opressão.

Alguns obstáculos são constantes ameaças à realização da Igreja: o sectarismo-denominacionalismo, o isolacionismo-egocentrismo-insensibilidade, a compreensão parcializada ou equivocada da revelação, o legalismo-moralismo, a falta de objetivos, o medo dos riscos e do martírio.

Para sua saúde espiritual, a Igreja tem buscado um equilíbrio entre adoração e ação, razão e emoção, ações internas e ações externas, individualidade e coletividade, tradição e inovação, planejamento e espontaneidade. Tem procurado superar as parcializações do seu conteúdo, sendo, ao mesmo tempo, portadora de uma religião de salvação, uma religião de libertação e uma religião de resultados.

O mundo

A crise da modernidade tem feito a Igreja voltar à pré-modernidade: ao dogmatismo e ao misticismo, ao mundo mágico-mítico medieval, com um "Cristo" débil, demônios fortes e anjos importantes. A teologia da prosperidade, a teologia do domínio (reconstrucionismo), a batalha espiritual, com seus "demônios territoriais" (geopolítica infernal) e suas "maldições hereditárias", nos enchem de justificadas preocupações.

O aposentado bispo protestante Leslie Newbegin (que foi missionário na Índia), analisando recentemente a situação mundial da Igreja, afirmou que: 1) a Igreja está aprisionada pelo mundo científico consumista e neo-liberal; 2) as únicas contestações a este mundo aprisionante estão vindo do Islã; 3) a Igreja está diante dos desafios de se libertar desse aprisionamento, impactar novamente a história e a civilização, e dar uma resposta superior às do Islã.

Não podemos reduzir a Igreja a um clube religioso de iguais, que se refugia do mundo, põe a fé em um compartimento e espera a morte e o além, enquanto promove entretenimento e espetáculos alienantes, sem profundidade e sem visão.

Se quisermos ser honestos para com Deus e para conosco mesmos, teremos de reconhecer a distância entre o ideal e o real em nossos dias e a ausência de consciência e de desejo de mudanças. Sabemos que, sem compromisso com o reino, a Igreja não é Igreja, que o reino caminha pela afirmação de valores, e que não há reino sem cruz.

O Brasil

Entre nós, o materialismo, o ateísmo e o agnosticismo, que nunca foram fortes, praticamente desapareceram. O ocultismo e o esoterismo vivem um momento de perversa pujança. O mercado religioso explode, com seitas, cultos e igrejas para todos os gostos.

Já tivemos uma religião oficial (a católica romana, até 1889), uma religião hegemônica ou "oficiosa" (a mesma romana), e agora vivemos a tumultuada travessia para o multiculturalismo religioso e o pluralismo eclesial, sem que grande parte dos nossos líderes pareçam preparados para tanto. O quadro se nos afigura como caótico, desordenado, anárquico até, com a multiplicação de "microempresas religiosas" (Eu & Deus Ltda.), sob líderes autoproclamados, imaturos, pretensiosos, intolerantes e vaidosos.

As novidades esdrúxulas de origem norte-americana são acriticamente aceitas como válidas. O legado da Reforma parece ter-se perdido.

A Bíblia e a tradição viva dão lugar ao experimentalismo individualista e aos espetáculos coletivos, com seus profissionais.

O liberalismo/modernismo está morto. A teologia da libertação é uma pálida memória para abraçadores de árvore. Roma, alegre e perplexa com a derrocada do comunismo e a ascensão do materialismo hedonista, redescobre os pecados do "lado de cá" (capitalismo). E o protestantismo balança entre o imobilismo, o aprisionamento às fórmulas e formas do passado e o rompimento infeliz com suas raízes, arrebatando com a sua identidade.

Temos funcionado como expressão ideológica de uma classe (a burguesia), uma civilização (o Ocidente), uma raça (os brancos),

uma cultura (a anglo-saxônia) e um modo de produção (o capitalismo), cujos valores, estilo de vida e moral são identificados, equivocadamente, com o próprio cristianismo. A nossa "disciplina", com seu controle social e seu enquadramento coletivo intolerante, está a serviço dessa cosmovisão e desse projeto.

Com o poder político constituído, tem-se relacionado de forma subserviente, trocando favores, em aproximação com os grupos dominantes e opressores, na bajulação de César. Na caça às almas isoladas e descarnadas, não se tem uma proposta transformadora de promoção social e de cristianização macro-estrutural. Com o apelo egoísta às bênçãos materiais, obstaculizamos a vida de simplicidade e de serviço como ideais cristãos. A falsa sacralização do estrangeiro nos aliena do Brasil e nos torna estrangeiros em nossa própria pátria. O nosso patrulhamento moralista bloqueia a afetividade, mata o amor, tornando a agressividade e a chatice terríveis marcas dos que seriam atingidos pela graça.

Não há saída sem que se debruce sobre as páginas esclarecedoras da história da Igreja, sobre a totalidade das páginas das Sagradas Escrituras, sem que se reconheça a diversidade legítima no interior do povo de Deus, sem que se elabore uma eclesiologia da valorização da Igreja e da sua unidade, sem que se busque o esclarecimento e o poder do Espírito Santo para ser sal e luz, motores da história, transformadores da civilização. A saída pressupõe a superação da estreiteza de mente.

O estado da Igreja no mundo é preocupante, mais do ponto de vista qualitativo do que quantitativo. O quadro brasileiro não é dos melhores. Assumir essa realidade, comprometer-se diante de Deus com a sua mudança é sinal de uma fé obediente que quer tornar o evangelho relevante a esta geração.